

Sociedade civil transnacional com objetivos globais

*Transnational civil society
with planetary objectives*

Charles Alexandre Souza Armada*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a emergência de uma sociedade global a partir de algumas transformações no processo de globalização. A partir da constatação dos problemas planetários decorrentes da globalização egoísta e, num segundo momento, da emergência de outra globalização mais solidária, os resultados da pesquisa apuraram uma mudança concomitante do ser humano, principalmente a partir de três questões básicas: a defesa do meio ambiente, a luta pela democracia e a efetiva aplicação dos direitos humanos no Planeta. Como consequência dos resultados apresentados, o presente estudo constatou a emergência de uma sociedade global solidária. O presente estudo se justifica pelas atuais limitações do Estado moderno no tratamento dos problemas de dimensão planetária e, ao mesmo tempo, na identificação de processos alternativos em evolução.

Palavras-chave: Globalização. Sociedade global. Solidariedade.

Abstract: This article aims to analyze the emergence of a global society from certain changes in the process of globalization. From the observation of planetary problems arising from globalization selfish and, secondly, the emergence of this new globalization, more supportive, the results of research have established a concomitant change of the human being, especially from three basic issues: the

* (Univali, SC, Brasil). Mestrando no Programa de Mestrado em Ciências Jurídicas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Mestrando em Derecho Ambiental y de la Sostenibilidad pela Universidad de Alicante – Espanha. Professor contratado no curso de Relações Internacionais da (Univali). Pós-Graduado *Lato sensu* em Direito Público pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (Furb) (2010). Graduado em Direito pela (Univali) de Santa Catarina (2008) e em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (1983).

defense of the environment, the struggle for democracy and the effective application of human rights on the planet. As a consequence of the results, this study found the emergence of a global society more inclusive. This study is justified by the current limitations of modern state in the treatment of global problems and at the same time, the identification of alternative processes in progress.

Keywords: Globalization. Global society. Solidarity.

Introdução

O tema da globalização tem apresentado um interesse crescente, particularmente na seara acadêmica, sobretudo após a eclosão, em 2008, da primeira crise capitalista do século XXI: a crise financeira mundial.

Paralelamente aos conhecidos efeitos danosos promovidos pela globalização, outra faceta desse processo vem ganhando espaço de forma contínua e consistente. Outra globalização, antítese daquela perniciosa e egoísta, parece estar se instalando no Planeta pela mudança de postura do ser humano em relação a alguns temas globais.

O presente artigo tem como objetivo geral a identificação dessa mudança de postura global como consequência dos efeitos dessa outra globalização.

Com o fim de atingir o objetivo proposto, serão analisadas algumas características da globalização como processo multifacetado, bem como os impactos que esse processo tem determinado no Planeta; em seguida, far-se-á a identificação de uma globalização emergente e positiva; por fim, analisa-se a mudança de postura do ser humano no tratamento de questões singulares e plurais, locais e globais.

O artigo foi produzido atendendo ao método indutivo, no qual as formulações individualizadas foram trazidas no sentido de obter uma percepção do panorama generalista.

A operacionalização do presente estudo utilizou as técnicas do referente,¹ categorias básicas² e conceitos operacionais, bem como o fichamento.

¹ “Referente é a explicitação prévia do motivo, objetivo e produto desejado, delimitando o alcance temático e de abordagem para uma atividade intelectual, especialmente para uma pesquisa.” (PASOLD, Cesar Luiz. *Prática da pesquisa jurídica: idéias e ferramentas úteis para o pesquisador do Direito*. Florianópolis: Conceito Editorial; Millennium, 2008. p. 62).

² “Categoria é a palavra ou expressão estratégica à elaboração e/ou expressão de uma idéia.” (PASOLD, Cesar Luiz. *Prática da pesquisa jurídica – idéias e ferramentas úteis para o pesquisador do direito*. p. 31).

Ao final do trabalho, apresentam-se as considerações acerca do tema proposto.

1 Conceituação e contextualização da globalização

A globalização é um tema complexo e abrangente. O próprio termo determina dificuldades de interpretação ao possibilitar sua utilização como gênero e espécie.

As principais críticas, portanto, ao termo *globalização* residem na sua abrangência e no fato de ser utilizado para definir as mais variadas situações.

No entendimento de Gómez,³ o termo *globalização* “está atravessado por uma ambivalência ou imprecisão constitutiva em função da variedade de fenômenos que abrange e dos impactos diferenciados que gera em diversas áreas: financeira, comercial, produtiva, social, institucional, cultural, etc.”

A utilização da palavra *globalização*, no sentido econômico que hoje prevalece, data do começo dos anos 80 do século XX. Para Chesnais,

O adjetivo “global” surgiu no começo dos anos 80, nas grandes escolas americanas de administração de empresas, as célebres “*business management schools*” de Harvard, Columbia, Stanford etc. [...] Fez sua estréia a nível mundial pelo viés da imprensa econômica e financeira de língua inglesa, e em pouquíssimo tempo invadiu o discurso político neoliberal.⁴

Para Moreira,⁵ globalização pode ser conceituada “como um processo social que atua no sentido de uma mudança na estrutura política e econômica das sociedades, ocorrendo em ondas com avanços e retrocessos separados por intervalos que podem durar séculos”.

³ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 129.

⁴ CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 23.

⁵ MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do Estado: neoliberalismo, globalização e conceitos jurídicos*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002. p. 95.

Nesse sentido, a globalização, analisada como processo, apresentaria ciclos com maiores ou menores incidências, permitindo a identificação de quatro momentos históricos da globalização: o período de ascensão do Império Romano, a época das Grandes Descobertas (séculos XIV e XV), a colonização europeia da África e da Ásia no século XIX e o período que se iniciou logo após a Segunda Guerra Mundial.⁶

Essa visão de globalização como um processo cíclico é compartilhada por Therborn:

A Globalização, no sentido de referenciação a tendências para um alcance ou impacto de fenômenos sociais no mundo inteiro, é antiga e multidimensional. A primeira onda importante de Globalização data de quase dois mil anos, com a primeira expansão das religiões mundiais.⁷

Há, na verdade, diversas globalizações acontecendo simultaneamente no Planeta. Acrescente-se, também, a capacidade que cada uma delas tem de interagir com as demais.

Nesse sentido, Gómez orienta que

a globalização não deve ser equacionada exclusivamente como um fenômeno econômico ou como um processo único, mas como uma mistura complexa de processos frequentemente contraditórios, produtores de conflitos e de novas formas de estratificação e poder.⁸

Há uma globalização econômica transformando o planeta Terra em um único mercado consumidor, há uma globalização financeira que permite o milagre da multiplicação dos ativos especulativos, há uma globalização cultural pasteurizando a cultura e há uma globalização da produção que

⁶ MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do Estado: neoliberalismo, globalização e conceitos jurídicos*. p. 95-96.

⁷ THERBORN, Göran. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 88.

⁸ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 139.

movimenta as estruturas produtivas com base *apenas* nos parâmetros de custo.

Segundo Gómez,

a chamada globalização da economia refere-se à nova forma gerada nas últimas décadas pelo processo de acumulação e internacionalização do capital e às restrições crescentes que seu funcionamento [...] impõe à soberania e à autonomia dos estados nacionais.⁹

Com relação à globalização financeira, Faria¹⁰ apresenta que “o sistema financeiro aproveitou a expansão tecnológica na área da informática e o desenvolvimento das telecomunicações para informatizar sua rede operacional”. Dessa forma, foi possível “aumentar a velocidade dos fluxos de recursos e da circulação de capitais, facilitar o acesso a distintos mercados, [...] e assegurar a consecução de vantagens crescentes para os investidores a cada flutuação nos valores das ações e nas taxas de câmbio e de juros”.

Há, também, uma globalização cultural que pretende a uniformização das sociedades. O processo de globalização pode ensejar o risco de uma pasteurização da cultura. Esse processo, segundo Featherstone,¹¹ “além de acarretar uma maciça padronização da vida cotidiana leva a consumir culturalmente imagens e ícones do *American way of Life*, reforçado pela adoção do inglês como idioma mundial da cultura de consumo de massa”.

O mundo globalizado da produção, por sua vez, exige que as grandes corporações multinacionais modernas procurem construir suas filiais onde possam aproveitar melhor as vantagens de uma mão de obra barata. Caso contrário, tais companhias correm o risco de perder espaço em relação à concorrência.

Da mesma maneira, essas corporações decidem qual dos países abrigará sua próxima fábrica em função dos incentivos fiscais, das isenções tributárias e dos empréstimos com juros a perder de vista. É quase um

⁹ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 146.

¹⁰ FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. São Paulo: Malheiros. 2004. p. 66.

¹¹ FEATHERSTONE apud GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 135.

leilão justificado pelos empregos diretos e indiretos que a instalação da referida fábrica poderá proporcionar.

Além dessas globalizações mais conhecidas e óbvias, há outras mais sutis e, nem por isso, menos eficazes e dramáticas: há uma globalização excludente e uma globalização como ideologia. A globalização como ideologia, por exemplo, tem a capacidade de justificar e potencializar todas as demais globalizações.

A globalização excludente consegue produzir desemprego ao mesmo tempo que reduz o valor dos salários. Além disso, consegue estabelecer essa situação de desemprego de forma “pervasiva, generalizada, permanente, global”.¹²

A globalização como ideologia apresenta o “nirvana” econômico na adoção de uma única política econômica fundada, por sua vez, no neoliberalismo e no mercado. Para Gómez,¹³ “as visões mais apologéticas da Globalização [...] vêm sublinhando a formidável possibilidade de lucro que se abre com a configuração definitiva duma economia mundial sem fronteiras”.

Nesse sentido, Casanova¹⁴ entende que “combinou-se de maneira sem precedentes na história do mundo a exploração com a exclusão, a população oprimida que trabalha cada vez mais por menos. Com a que está sobrando e não tem trabalho, nem assistência, nem solidariedade, nem nada”.

O desenvolvimento capitalista sempre se deu de forma desigual. Contudo, “na fase atual, essa escala crescente de diferenciação e desigualdade internacional está transformando marginalização em exclusão”.¹⁵

As novas técnicas que aumentaram exponencialmente a velocidade e a expansão dos meios de comunicação contribuíram para o fortalecimento de outra globalização: a globalização política.

¹² SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 72.

¹³ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 129.

¹⁴ CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 58.

¹⁵ LIMOIRO-CARDOSO, Miriam. Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência social. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 109.

Além disso, de acordo com Gómez,¹⁶ verificou-se, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, um desenvolvimento acelerado

de padrões de internacionalização do processo decisório e de mundialização das atividades políticas. Tais padrões apontam, em primeiro lugar, para a densa rede de organizações internacionais e de regimes internacionais [...], que se multiplicaram em função de uma rápida expansão das ligações transnacionais, da crescente interpenetração dos assuntos de política internacional e doméstica em cada país e da necessidade, por parte da maioria dos estados, de estabelecer alguma forma de governança internacional para o tratamento de problemas de política coletiva.

Cabe destacar, também, a importância do papel desempenhado pelo Direito Internacional no processo de internacionalização e mundialização crescente da política. Gómez¹⁷ entende que o “direito internacional tem submetido indivíduos, governos e organizações não governamentais a novos sistemas de regulação legal, que implicam o reconhecimento de ‘poderes e limitações, direitos e deveres, que transcendem o Estado-nação”.

A globalização política, portanto, ao subverter o poder do Estado-nação permite a inclusão de novos atores no palco das decisões globais.

A atuação conjunta e simultânea de todas essas globalizações tem afetado o Planeta de forma incisiva e em vários níveis e dimensões. Em decorrência da atuação de cada uma dessas globalizações e de todas elas simultaneamente, o mundo tem se modificado na experimentação de crises novas e, aparentemente, sem solução.

O resultado desses impactos é a criação de mundos distintos, todos em crise.

Há um mundo em crise econômica, em que as oportunidades e as riquezas são inversamente distribuídas. Há um mundo em crise financeira que consegue consumir bilhões de dólares em recursos para salvar

¹⁶ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 159.

¹⁷ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 161.

instituições bancárias, mas não consegue enxergar o contingente de desempregados produzidos por essa mesma crise. Há um mundo em crise de segurança pela ameaça nuclear que insiste em se renovar a cada década. Hoje, essa ameaça vem dos países *periféricos* que ameaçam o Planeta como um todo. Há um mundo em crise ecológica que vê diminuir a capacidade de renovação dos recursos ao mesmo tempo que vê crescer a velocidade na utilização desses mesmos recursos.

Nesse admirável mundo capitalista, não há espaço para a solidariedade. A batalha pelo lucro reinventa o capitalismo dando novas roupagens a velhas estratégias. Dessa forma, convive-se com expressões como *reengenharia*, *terceirização*, *just-in-time*, etc.

De acordo com Santos,¹⁸ “consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer da oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão”.

A competitividade no mundo moderno e globalizado assume características de guerrilha. Empresas passam a *innovar* nos treinamentos de seus executivos ao utilizar cartilhas inusitadas, como, por exemplo, o manual de treinamento dos *Mariners* norte-americanos e obras como *A Arte da guerra*, de Sun Tzu, e *O Príncipe*, de Maquiavel.

Segundo Santos,¹⁹ “num mundo globalizado, regiões e cidades são chamadas a competir e, diante das regras atuais da produção e dos imperativos atuais de consumo, a competitividade se torna também uma regra da convivência entre as pessoas”.

Essa ausência de solidariedade (como marca mais forte das relações) também é apontada por Faria:

A ênfase à individualidade, à calculabilidade e à livre autonomia da vontade de cada participante da negociação exclui desses contratos qualquer sentimento de solidariedade e cooperação ou, então, de favorecimento da parte economicamente mais vulnerável, débil ou hipossuficiente.²⁰

¹⁸ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 49.

¹⁹ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. p. 57.

²⁰ FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. p. 203.

No entendimento de Morin,²¹ “os fatores de estímulo são também desintegradores: o espírito de competição e de êxito desenvolve o egoísmo e dissolve a solidariedade”.

Vive-se o consumo a qualquer preço.

Vive-se uma sociedade que cultua a esperteza em detrimento de tudo o mais.

Em uma sociedade assim, as pessoas vangloriam-se sem pudor das vantagens conquistadas e das maneiras como elas foram obtidas, estabelecendo entre si uma espécie de *ranking* ou competição que considera a vantagem obtida e o custo de sua obtenção. De acordo com essa sistemática, quanto maior for a vantagem obtida e menor o custo relacionado, mais esperta essa pessoa será considerada e maior será seu *status* perante seus pares.

Nesse sentido, Santos²² apresenta que “é uma situação na qual se produz a glorificação da esperteza, negando a sinceridade, e a glorificação da avareza, negando a generosidade. Desse modo, o caminho fica aberto ao abandono das solidariedades e ao fim da ética, mas, também, da política”.

Para Morin,²³ “a degradação das relações pessoais, a solidão, a perda das certezas ligada à incapacidade de assumir a incerteza, tudo isso alimenta um mal subjetivo cada vez mais difundido”.

O resultado do conjunto das crises do mundo é um outro mundo, um mundo em agonia, desesperançado e imediatista, competitivo até a medula e cego, gigante e insensível, onde não há espaço para a solidariedade. É, também, um mundo com novos problemas, que cultiva e cultua o individualismo e onde o próprio Estado vê-se diminuído.

2 Uma outra globalização

Os Estados confrontam-se, hoje, com novas limitações impostas pelo desenrolar das crises nos mundos em crise da globalização. Pouco a pouco, fortalece-se a constatação de que “os Estados dominam a cena mundial como titãs brutais e bêbados, poderosos e impotentes”.²⁴

²¹ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 88.

²² SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. p. 61.

²³ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 89.

²⁴ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 79.

Essa constatação é necessária.

O Estado-nação moderno, forte o bastante para destruir homens e sociedades, segundo Morin,²⁵ “se tornou demasiado pequeno para se ocupar dos grandes problemas agora planetários, embora seja demasiado grande para se ocupar dos problemas singulares concretos de seus cidadãos”.

O Estado, como se conhece, ou como se pensa conhecer, não existe mais. Sua soberania vem sendo atacada por todos os lados e todos os dias com impactos diretos nos demais elementos constitutivos.

As atuais dimensões desses impactos e afetações à soberania têm modificado o Estado moderno a ponto de impossibilitá-lo de responder adequadamente a questões que, outrora, cabiam única e exclusivamente a ele.

O fim do Estado como decorrência do fim da soberania abre espaço para o estudo de alternativas positivas para uma nova configuração que inclui a atuação, as organizações internacionais, as organizações não governamentais e o desenvolvimento do direito internacional.

A estruturação e atuação destes novos atores buscando a consolidação dos chamados direitos de solidariedade determina a emergência de uma sociedade global preocupada com os destinos do Planeta e, ato de consequência, com o próprio destino do ser humano.

A manutenção da atual sistemática de utilização dos recursos naturais confronta-se, portanto, com uma mudança de postura preocupada com um desenvolvimento mais sustentável e consciente dos problemas planetários.

A emergência de uma sociedade global se justifica em função das atuais crises planetárias e se encontra legitimada pela incapacidade dos Estados nacionais de atuar eficientemente no tratamento dessas mesmas crises.

Cientes da incapacidade do Estado, novas forças se apresentam quase imperceptivelmente para atuar contra as crises planetárias. Aqui e ali despontam sinais de que um novo mundo se apresenta para confrontar os mundos em crise. A dificuldade está em identificar o novo dentro do velho.

²⁵ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 122.

Esses sinais, hoje, são inequívocos. Uma nova realidade coexiste com uma antiga. O que há, de fato, é um conflito em andamento, um embate sem tréguas entre tendências. De um lado, as velhas e conhecidas tendências globalizantes, egoístas e desumanas da apropriação do capital, das desigualdades de renda, das exclusões, etc. e, de outro, uma luta cada vez maior para reparar o caos e eliminar as disparidades.

Conduas pontuais parecem querer manter acesa a chama da solidariedade personificada pela defesa dos direitos humanos, da democracia e do meio ambiente. Aqui e ali despontam sinais de que um outro mundo emerge dos mundos em crise da globalização.

É interessante notar que as mesmas técnicas que permitiram o desabrochar da globalização nas suas diversas modalidades e o desenvolvimento das crises que assolam a Terra também estão atuando a serviço do mundo em busca de um novo mundo.

De fato, essas novas técnicas “permitem que novos atores entrem no jogo e reivindiquem o direito a ser ouvidos”.²⁶

As eleições presidenciais de 2009, no Irã, transcorreram sob o signo da fantasia e da fraude ao darem larga vantagem ao atual presidente e, ao permitirem, em consequência, um segundo mandato. As manifestações de apoio ao candidato vencido pelas ruas de Teerã e por uma eleição transparente foram proibidas pelo governo. Apesar da proibição, as manifestações passaram a ser planejadas pela internet e coordenadas pelos *sites* de relacionamento. Além disso, a resposta agressiva do governo às passeatas da população passou a ser registrada por câmaras digitais pessoais e aparelhos de celular inofensivos e, quase instantaneamente, supriam a ação (proibida) da imprensa local e internacional.

Os eventos de 2009 no Irã podem ser considerados o estopim para o fenômeno que varreu os países árabes sob o título de “Primavera Árabe”. Durante os anos de 2010 e 2011, vários países árabes puderam viabilizar uma mudança significativa que supera o âmbito político. A chamada “Primavera Árabe” determina a participação maciça da população para uma mudança de seu futuro. Atuando de maneira efetiva e direta na derrubada de sistemas ditatoriais que persistiam há décadas em diversos países, com destaque para Egito e Líbia, a população desses países se

²⁶ GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 135.

utilizou das novas técnicas disponíveis para se agrupar, se organizar, se motivar e, enfim, praticar a mudança.

O que há de novo na utilização de meios digitais para difundir causas políticas, principalmente aquelas que não têm destaque na mídia tradicional, é a internet trazendo a política de volta para as ruas.²⁷

Além da internet e de sua utilização pró-democracia, outras formas de ação global combinada têm se materializado. Um exemplo importante é o Fórum Social Mundial (FSM). O FSM nasceu com o objetivo de reunir movimentos e organizações internacionais contrários à globalização neoliberal em um encontro simultâneo com o Fórum Econômico Mundial, promovido pelas corporações transnacionais e pelo capital financeiro em Davos, na Suíça.²⁸

Enquanto o primeiro FSM reuniu perto de 20 mil pessoas em Porto Alegre, no ano de 2001, a última edição (na cidade de Belém, Pará, em janeiro de 2009) contou com a presença de 150 mil pessoas, entre participantes, jornalistas e organizações civis (entre ONGs, movimentos sociais e agências de desenvolvimento).²⁹

O aumento substancial tanto no número de participantes como na diversidade de organismos presentes determina, além do engajamento, a proliferação do interesse pelas causas e temas discutidos em todos os FSM. Finalmente, na última versão do FSM, os principais temas discutidos estiveram ligados à questão do meio ambiente.

O aparecimento de novos atores no palco do Direito Internacional, principalmente a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, tem permitido aos Estados-nação atuar em áreas antes improváveis. Dois exemplos recentes, distintos e relevantes, dentre outros, são a conjunção de forças para combater a crise financeira mundial e o movimento global para encontrar uma vacina contra a Sars.³⁰

²⁷ MATIAS, Alexandre. Da rua para a rede, da rede para a rua. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, n. 921, 22 jun. 2009. p. L1.

²⁸ AMARAL, Marina. As muitas bandeiras de Porto Alegre. *Caros Amigos Especial*, São Paulo, n.16, p. 4, mar. 2003.

²⁹ BRASIL. Agência Brasil. *FSM termina como 'novas inspirações' para buscar outro mundo possível, diz organizador*. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/02/01/materia.2009-02-01.1114873037/view>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

³⁰ Sigla em inglês para a Síndrome Respiratória Aguda Severa, doença respiratória grave de rápida disseminação que afligiu o mundo no ano de 2003, ao espalhar-se sobretudo para partes do leste e sudeste da Ásia, bem como para a região de Toronto, Canadá.

Os exemplos apresentados determinam a busca de uma plataforma comum entre os mais importantes atores da globalização. Os atuais desafios do Estado são transnacionais por natureza, transinstitucionais na solução e exigem uma ação colaborativa. Essa ação colaborativa implica a aliança dos Estados com organizações internacionais, corporações multinacionais, organizações não governamentais e, até mesmo, dos indivíduos.

O exemplo da cooperação internacional para controlar o Sars é relevante, pois determinou um salto na evolução de sistemas globais necessários para reduzir a ameaça do surgimento de novas doenças. Além disso, a cooperação internacional firmada foi rápida e sem precedentes.

Com relação ao exemplo da crise financeira mundial, reuniões envolvendo quase a totalidade da economia do Planeta, chamadas de reuniões do G20,³¹ foram realizadas para combater a crise capitalista e discutir a criação de um organismo supranacional de regulação e regulamentação dos mercados financeiros mundiais. Nos últimos 100 anos foram poucos, bem poucos, os outros exemplos de movimentação planetária como a que ocorreu em função da primeira crise capitalista do século XXI.

Segundo Therborn,³² os exemplos apresentados são exemplos de uma outra globalização, “aquela que inclui também a ação social no mundo todo e o interesse mundial e a comunicação direta”. Além disso, podem ser exemplos de um novo mundo em defesa da democracia.

No que diz respeito à questão ecológica, em 1997, por exemplo, 184 países assinam o “Protocolo de Kyoto”, um acordo internacional criado no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas e cujo principal objetivo é estabilizar a emissão de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera e frear o aquecimento global e seus possíveis impactos.³³

³¹ O Grupo dos 20 (ou G20) é um grupo formado pelos ministros de Finanças e chefes de Bancos Centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia. Em 15 de novembro de 2008, pela primeira vez, os chefes de Estado, ou de governo, se reuniram – e não somente os ministros de Finanças – tendo a crise financeira mundial como principal item da pauta de discussões.

³² THERBORN, Göran. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. p. 92.

³³ BRASIL. COP 16. *Protocolo de Kyoto*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cop/panorama/o-que-esta-em-jogo/protocolo-de-quioto>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

Enquanto os Estados Unidos ignoram o Protocolo de Kyoto, o mundo da cultura globalizada decide abraçar a causa premiando o documentário “Uma Verdade Inconveniente” (um alerta sobre o aquecimento global) com o maior prêmio da indústria do cinema mundial. Enquanto os Estados Unidos continuam ignorando o Protocolo de Kyoto, a comunidade internacional outorga o Prêmio Nobel da Paz de 2007 para Al Gore, ex-vice-presidente americano durante as gestões de Bill Clinton e um dos principais críticos do aquecimento global.

Esses fatos podem ser indícios de um novo mundo em defesa do meio ambiente.

No campo dos direitos humanos, também é possível perceber sinais de que alguma coisa nova está acontecendo. É bem verdade que o novo, nesses casos, pode não ser tão novo assim, uma vez que convive com o velho e pelo fato de nossa capacidade de diferenciá-lo não ser tão imediata assim.

Nesse sentido, dois casos merecem destaque especial: a ocupação de Kosovo pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o processo de extradição iniciado por um juiz espanhol que “sentou jurisprudência através de várias sentenças históricas [...] a favor da extradição e julgamento de ex-ditadores e qualquer outro tipo de personagens que tenham cometido crimes contra a humanidade durante o exercício do poder público”.³⁴

Para Leis,³⁵ as intervenções da Otan em Kosovo, em 1999, e o processo de extradição de Pinochet da Inglaterra em 1998 “colocam em pauta os parâmetros da governabilidade democrática dos Estados nacionais no mundo globalizado e, em consequência, os marcos da ampliação da cidadania na sociedade contemporânea”.

Todos os exemplos apresentados determinam medidas com a aura da solidariedade e, salvo melhor juízo, sem qualquer objetivo mercantilista. Seriam sinais do retorno da solidariedade? São, de certo, ações contrárias à moral capitalista, contrárias ao signo competitivo das últimas décadas e, o mais importante, envolvendo conjuntamente diversas classes de

³⁴ LEIS, Héctor Ricardo. Cidadania e globalização: novos desafios para antigos problemas. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José Maria Carvalho (Org.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 201.

³⁵ LEIS, Héctor Ricardo. Cidadania e globalização: novos desafios para antigos problemas. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José Maria Carvalho (Org.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal*. p. 201.

protagonistas, de pequenos órgãos de classe locais a entidades relevantes como os Estados Nacionais, de organizações não governamentais a organismos supranacionais.

Uma nova globalização, portanto, tem propiciado essa *espécie* de reorganização mundial e, também, uma certa convergência de ações direcionada para uma tríade virtuosa composta, por sua vez, pelos direitos humanos, pelo meio ambiente e pela democracia no Planeta.

Interessante é destacar que cada um dos componentes dessa *tríade virtuosa* possui um mesmo elemento que lhe define e que lhe é essencial: a solidariedade.

Estamos adentrando em um novo estágio da globalização.

De acordo com Bonavides,³⁶ “a primeira globalização, selvagem, menosprezou o Estado; a segunda globalização, civilizada, esta, sim, será obra do Estado neo-social que caminha para o futuro, e não para o passado”.

Novos sinais de uma nova globalização calcada na solidariedade disputam um lugar no Planeta dos Estados-nação *pari passo* com a velha globalização.

3 Um novo tempo: a conscientização planetária

A nova globalização do século XXI tem permitido uma transformação silenciosa do nosso planeta. Apesar de as técnicas relacionadas com a velocidade da informação estarem contribuindo para a caracterização dessa outra globalização, a ação humana tem sido determinante para a mudança.

Em outras palavras, mesmo com a disponibilidade de novas ferramentas, as mudanças que ora podem ser vislumbradas não teriam sido possíveis sem uma concomitante mudança de postura do agente principal: o ser humano.

Dando como exemplo as manifestações desencadeadas em todo o mundo árabe durante o ano de 2011, Cerf assinala:

³⁶ BONAVIDES, Paulo. Do Estado neoliberal ao Estado neo-social. *Direito Administrativo em Debate*. Disponível em: <<http://direitoadministrativoemdebate.wordpress.com/2008/11/06/do-estado-neoliberal-ao-estado-neo-social/>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

Embora as manifestações tenham frutificado porque milhares de pessoas decidiram participar, talvez nunca tivessem ocorrido sem a possibilidade que a internet oferece de comunicação, organização e divulgação instantânea do que quer que seja em todo e qualquer lugar do mundo.³⁷

De fato, a internet tem sido uma ferramenta importante para o ressurgimento da solidariedade uma vez que vem se configurando num instrumento indispensável para que grande parte dos direitos humanos seja respeitada.

Contudo, as ferramentas não atuaram sozinhas. A participação maciça de uma sociedade transnacional crescente tem sido determinante para caracterizar esse momento histórico como um verdadeiro divisor de águas.

Segundo Kennedy,

a expressão divisor de águas também pode ser usada para descrever um fenômeno histórico e político. Um marco, um momento transcendental, o instante em que as atividades e circunstâncias humanas atravessam a linha divisória que separa diferentes eras. Quando isso ocorre, poucas pessoas percebem que entraram em um novo tempo³⁸

A restauração da solidariedade em todas as formas e âmbitos assinalados determinaria um primeiro nível de conquista planetária abrindo-se espaço para uma associação planetária que busque os interesses associativos e priorize o coletivo (o Planeta) em lugar de lutar pelos interesses individuais (de nações).

Segundo Leis,³⁹ “a mudança principal do mundo contemporâneo reside na passagem da dinâmica social do plano das sociedades nacionais para o da sociedade global”.

³⁷ CERF, Vinton G. A internet e os direitos humanos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A13, 8 jan. 2012.

³⁸ KENNEDY, Paul. Entramos em uma nova era? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A20, 12 nov. 2011.

³⁹ LEIS, Héctor Ricardo. Cidadania e globalização: novos desafios para antigos problemas. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José Maria Carvalho (Org.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 198.

Essa sociedade global, também chamada de ‘Condomínio Terra’ pelo Senador da República Federativa do Brasil, Cristovam Buarque, seria

Um sistema de solidariedade global, onde cada país é dono de seu próprio patrimônio e destino, mas cada um deles é parte de um todo e deve se submeter a regras internacionais que orientem o uso do seu patrimônio e seu destino pelas repercussões internacionais.⁴⁰

No entendimento de Casanova,⁴¹ essa é uma utopia que já está na Terra, “uma democracia também global, plural, transparente, na qual a sociedade civil controle o multiestado no todo e em suas partes e assuma o problema social com o poder da maioria em cada nação e na humanidade”.

Complementando as posições doutrinárias já citadas, Morin⁴² complementa que “a possibilidade de uma opinião pública planetária existe: por intermédio dos meios de comunicação, [...] há consciência em flashes de identidade humana, consciência em flashes de cidadania terrestre”. (Grifo nosso).

Esse posicionamento é compartilhado por Chase,⁴³ citado por Dallari, para quem “a humanidade já está caminhando rumo à sua integração numa unidade, apesar de ainda existirem muitos e sérios obstáculos”. Seus argumentos principais estão relacionados com o fato de os imperativos tecnológicos “estarem se sobrepondo às fronteiras nacionais, por mar e terra, pelo ar, na estratosfera e no espaço exterior”.

Essa nova ordem jurídica mundial com bases já lançadas é a exigência de um novo habitante do Planeta, perfeitamente legitimado pela solidariedade que se espalha por sinais (ações) na defesa da democracia, dos direitos humanos e da preservação concreta do meio ambiente.

Essa nova ordem jurídica mundial é também uma aposta e, sem dúvida, uma aposta em algo possível. Uma sociedade global é, portanto, tão possível quanto tudo o que a incrível capacidade do ser humano já conquistou.

⁴⁰ BUARQUE, Cristovam. Palestra proferida na *University of Texas Pan-American*, nos Estados Unidos, em 14 de novembro de 2007.

⁴¹ CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 60.

⁴² MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 137.

⁴³ DALLARI, Dalmo de Abreu. *O futuro do Estado*. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 161.

De acordo com Melo,

as forças sociais, partindo dos valores predominantes, dos indicadores econômicos e das relações de poder, vão ajudar a compor a consciência jurídica da sociedade. E quando esta se manifesta, as mudanças são possíveis e se operam não só nos conhecimentos mas nas atitudes dos homens.⁴⁴

Os novos atores, que hoje dividem espaço com os Estados nas relações internacionais, têm determinado o surgimento de

novos processos de atuação política: associativismos transnacionais, identidades transnacionais, ações em rede etc. [...] e as tecnologias da globalização (comunicação, transportes etc.) se tornaram fatores determinantes de ação coletiva e aumento de poder.⁴⁵

Segundo entendimento de Vieira,⁴⁶ “a expansão das ONGs internacionais pode ser vista como ponto de partida para orientações políticas globais (ou, ao menos, que excedam o nacional) e, portanto, também como núcleo originário de uma sociedade civil mundial”.

Há, portanto, uma sociedade global em ascensão ou, em outras palavras, há uma sociedade global emergindo do caos gerado pelas crises planetárias.

As mudanças que já estão ocorrendo provam que as forças sociais, promotoras das mudanças, também perceberam mudanças.

Nas palavras de Garaudy,⁴⁷ “com o homem o possível faz parte do real, compreendendo-se, aí, as rupturas que em cada época de sua história o homem teve de realizar para se transcender, a si mesmo”.

⁴⁴ MELO, Osvaldo Ferreira de. *Temas atuais de política do direito*. Porto Alegre: S. Fabris, 1998. p. 40.

⁴⁵ TOSTES, Ana Paula B. Identidades transnacionais e o estado: viço e teimosia? *Lua Nova*, São Paulo, n. 63, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2012.

⁴⁶ LISZT, Vieira. *Sociedade civil e espaço global*. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/21831-21832-1-PB.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

⁴⁷ GARAUDY, Roger. *O projeto esperança*. Trad. de Virgínia da Mata-Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978. p. 98.

É exatamente o que está a ocorrer.

O divisor de águas em que o mundo se encontra se deve a um momento particular de transcendência humana. Garaudy define transcendência como sendo:

a superação pela qual o homem, em cada um de seus atos criadores (quer se trate de invenção científica, ou técnica, de criação artística, de amor, de revolução ou de sacrifício) vive a experiência de que ele é outra coisa e mais do que o conjunto das condições históricas que o engendraram; que seu futuro não se deduz apenas de sua herança biológica, de seus condicionamentos sociológicos, de sua cultura, de sua formação.⁴⁸

Essa superação significa uma mudança de postura com a ordem previamente existente e, também, na maneira de tratar os objetivos do Planeta. O novo homem que consegue superar o egoísmo do singular, característica da velha globalização, na procura por soluções globais plurais está, de fato, transcendendo a si mesmo. Esse momento de transformação do individual para o coletivo caracteriza-se por um efetivo processo de transcendência da sociedade humana.

Essa nova relação do homem com o mundo também pode ser descrita segundo aceção de Maffesoli:

Há, com efeito, algo de sensível, de sensual, sensualista, numa relação com o mundo e com [o] outro, vivida dia a dia e assentada na experiência, seja a interior, do microcosmo, ou a outra, mais ambiental, ecológica, do macrocosmo matricial. É isso, propriamente, que pode permitir compreender que, para além dos discursos sobre a crise e outros pensamentos convencionados sobre a morosidade ou a depressão social, cada um mais abstrato que o outro, estejamos confrontados, em todos os domínios, a uma efervescência inegável e uma criatividade específica.⁴⁹

⁴⁸ GARAUDY, Roger. *O projeto esperança*. p. 98.

⁴⁹ MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 190.

As ferramentas dessa nova globalização estão permitindo a emergência de um novo ser humano no Planeta. O homem do terceiro milênio é dono de uma nova racionalidade, de uma razão sensível e consegue perceber as novas necessidades do planeta Terra.

É, ao mesmo tempo, a caracterização de um processo de hominização. Segundo definição de Morin,⁵⁰ “a busca da hominização deve ser concebida como o desenvolvimento de nossas potencialidades psíquicas, espirituais, éticas, culturais e sociais”.

As três bandeiras de luta solidária representam, portanto, uma busca do ser humano pelo seu próprio desenvolvimento.

As técnicas relacionadas com a velocidade da informação têm ampliado de forma significativa a participação na discussão dos problemas planetários de forma geral. De modo particular e especial, tem contribuído para o desenvolvimento de uma conscientização ambiental no sentido da preservação de um espaço comum tanto para a geração atual como para as gerações vindouras.

Nesse sentido, essas ferramentas estão atuando na direção da consolidação do *Homo Solidarius* do século XXI. As atuais técnicas relacionadas com a velocidade da informação, a internet e as redes sociais, em especial, permitem a participação efetiva das pessoas em questões que ultrapassam os limites territoriais estatais.

A união entre as ferramentas que a nova globalização disponibiliza e a proliferação de Organizações Não Governamentais ligadas a temas que espelham os grandes problemas planetários tem possibilitado a ocorrência de dois fenômenos que se autoalimentam, contribuindo para a continuidade do processo de reconstrução do mundo ou de construção de um novo mundo voltado à defesa do meio ambiente, da democracia e dos direitos humanos.

Um desses fenômenos pode ser caracterizado pelo fortalecimento de um sentimento de pertencimento às causas assinaladas. Esse sentimento de pertencimento acaba se tornando uma espécie de amálgama, fortalecendo as decisões, os compromissos e os objetivos traçados.

⁵⁰ MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. p. 108.

O sentimento de pertencimento não se esgota na causa abraçada pelo indivíduo. A relação existente entre os objetivos da associação e sua amplitude acaba por favorecer o estabelecimento de uma sociedade civil mais ampla. Pouco a pouco, estabelece-se um sentimento de pertencimento que de maneira alguma está relacionado com a nacionalidade dos participantes, mas, por outro, com a causa que esses participantes abraçam.

A defesa do meio ambiente planetário, por exemplo, tendo em vista suas características transnacionais, estabelece um sentimento de pertencimento compatível, isto é, também transnacional. De acordo com Teixeira,

uma sociedade civil global deve ser entendida juntamente com a noção de uma cidadania planetária que aciona valores universais a partir de uma crescente consciência de problemas marcadamente globais. Estes problemas são em geral relacionados aos direitos humanos e à questão ambiental.⁵¹

Paralelamente, um segundo fenômeno passa a tomar corpo: o sentimento de empoderamento. As pessoas envolvidas de alguma maneira com Organizações Não Governamentais relacionadas com os grandes problemas planetários veem seus objetivos e sua atuação crescerem em importância.

O sentimento de empoderamento determina a materialização do *possível* e estimula a participação.

Cabe destacar o elemento comum que tem caracterizado as atuais demandas planetárias.

A mudança da sociedade de consumo para uma sociedade solidária passa, necessariamente, por uma mudança do ser humano. O ser humano desde início do século XXI possui um patrimônio de conhecimento que precisa e pode ser preservado para as gerações futuras.

⁵¹ VIEIRA, Flávia Braga. *Movimentos sociais e globalização: novas formas de articulação internacional “desde baixo”*. Disponível em: <<http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/TrabalhoSite/TrabalhosSite.asp?Codigo=37&IdMenuExterno=79>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

Considerações finais

É inegável a constatação de que há uma crescente preocupação global com três questões-chave: a questão do meio ambiente, da democracia e dos direitos humanos.

A globalização é reconhecidamente o pivô da maioria das crises que assolam o Planeta, mas, ao mesmo tempo, tem permitido muitas das ações positivas que vêm sendo tomadas envolvendo essas três questões.

Contudo, essa outra modalidade de globalização não se materializou por si. Necessariamente, outra mudança foi necessária: uma mudança na maneira como o homem vê a si próprio como habitante da Terra e uma mudança na maneira como esse novo homem vê o planeta em que vive.

Essa mudança de comportamento do homem em relação aos grandes problemas planetários implica o reconhecimento do signo da solidariedade em cada um deles. Tanto as questões relacionadas com o meio ambiente, como aquelas relacionadas com os direitos humanos e com a democracia trazem naturalmente o signo da solidariedade em seu cerne.

A materialização de atitudes pró-ativas, o crescente envolvimento planetário e a proliferação de entidades não governamentais tratando daqueles temas, configuram um processo de transcendência do ser humano em andamento; configuram, igualmente, a escolha do ser humano por decisões racionalmente sensíveis, no sentido de sua preservação; e configuram, por fim, o início de um processo de hominização, no sentido de uma tomada de consciência do papel do ser humano neste planeta.

A mudança de postura do ser humano era e ainda é uma necessidade. Quanto dessa mudança de postura está diretamente relacionada com os fenômenos do pertencimento e do empoderamento talvez não seja a pergunta a ser feita.

Mais importante, talvez, seja saber a capacidade que esses fenômenos possuem para efetivamente redirecionar os destinos deste mundo.

Referências

AMARAL, Marina. As muitas bandeiras de Porto Alegre. *Caros Amigos Especial*, São Paulo, n. 16, p. 4, mar. 2003.

BONAVIDES, Paulo. Do Estado Neoliberal ao Estado Neo-Social. *Direito Administrativo em Debate*. Disponível em: <<http://direitoadministrativoemdebate.wordpress.com/2008/11/06/do-estado-neoliberal-ao-estado-neo-social/>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

BRASIL. Agência Brasil. *FSM termina como “novas inspirações” para buscar outro mundo possível, diz organizador*. Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/02/01/matéria.2009-02-01.1114873037/view>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

BRASIL. COP 16. *O que está em jogo*. Protocolo de Kyoto. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cop/panorama/o-que-esta-em-jogo/protocolo-de-kioto>>. Acesso em: 16 mar. 2012.

BUARQUE, Cristovam. Palestra proferida na *University of Texas Pan-American*, nos Estados Unidos, em 14 de novembro de 2007.

CASANOVA, Pablo González. Globalidade, neoliberalismo e democracia. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CERF, Vinton G. A internet e os direitos humanos. *O Estado de S. Paulo*, p. A13, São Paulo, 8 jan. 2012.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *O futuro do Estado*. São Paulo: Saraiva, 2001.

FARIA, José Eduardo. *O direito na economia globalizada*. São Paulo: Malheiros. 2004.

GARAUDY, Roger. *O projeto esperança*. Trad. de Virgínia da Mata-Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.

GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

GÓMEZ, José Maria. Globalização da política: mitos, realidades e dilemas. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

KENNEDY, Paul. Entramos em uma nova era? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. A20, 12 nov. 2011.

LEIS, Héctor Ricardo. Cidadania e globalização: novos desafios para antigos problemas. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José Maria Carvalho

(Org.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo Brasil/Portugal*. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência social. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MATIAS, Alexandre. Da rua para a rede, da rede para a rua. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, n. 921, 22 jun. 2009.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Temas atuais de política do direito*. Porto Alegre: S. Fabris, 1998.

MOREIRA, Alexandre Mussoi. *A transformação do Estado: neoliberalismo, globalização e conceitos jurídicos*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2002.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PASOLD, Cesar Luiz. *Prática da pesquisa jurídica: idéias e ferramentas úteis para o pesquisador do Direito*. Florianópolis: Conceito; Millennium, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

THERBORN, Göran. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Globalização excludente*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TOSTES, Ana Paula B. Identidades transnacionais e o estado: viço e teimosia? *Lua Nova*, São Paulo, n. 63, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 2 jul. 2012.

VIEIRA, Liszt. *Sociedade civil e espaço global*. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/21831-21832-1-PB.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

VIEIRA, Flávia Braga. *Movimentos sociais e globalização: novas formas de articulação internacional “desde baixo”*. Disponível em: <<http://www.sistemas.mart.com.br/sbs2011/TrabalhoSite/TrabalhosSite.asp?Codigo=37&IdMenuExterno=79>>. Acesso em: 2 jul. 2012.